PANO MARCADO, SIMBOLOGIA E O VALOR CULTURAL EM CAIÓ, GUINÉ-BISSAU

Ericânia Almeida Gomes[1]
Natalia Cabanillas[2]

RESUMO

Resumo: o pano marcado é o um artefato cultural da Guiné-Bissau, usados nas grandes festividades e rituais de passagem da etnia mandjaku, produzido exclusivamente por mulheres. Assim sendo, o presente trabalho estuda os significados e utilidades do pano marcado através das mulheres mandjaku produtoras do pano. Portanto, o objetivo deste trabalho é entender a importância do pano marcado dentro da comunidade de mandjaku de Caió. o projeto centralizou na comunidade de Caió. Na metodologia foi utilizado método qualitativa, onde foram feitas quatros entrevistas com mulheres produtoras do pano marcado, três residentes em Guiné-Bissau e uma em Fortaleza, Brasil. Três entrevistas foram feitas por meio das redes sociais e uma foi presencial. O resultado preliminar mostra que já existem vários trabalhos acadêmicos sobre os panos de pinti que é um artefato produzido exclusivamente por homens enquanto os panos marcados que é uma das especiarias do pano de pinti, porém é confeccionado por mulheres ainda não tem essa discussão acadêmica, embora que as vezes é citado em parágrafo. Entretanto, conforme depoimento construído nas entrevistas, mostra que o pano marcado além de ser um dos trajes mais importantes e indispensáveis nos rituais de casamento, investidura do regulo e dentre outras. Assim, o pano marcado simboliza ancestralidade e resistência de um povo que tem oralidade como base dos seus ensinamentos e mesmo assim manteu viva para geração futuras. Enfim, atualmente na Guiné-Bissau, o pano marcado tornou-se fenômeno no país por fortes aderença das outras etnias e do Estado.
Palavra-chave: Pano marcado; mulheres; mandjaku; pano de pinti.

Palavras-chave: Pano marcado; mulheres; mandjaku; pano de pinti.

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (FUNCAP-BPI), Instituto de Humanidades, Discente, ericaniaalmeidagomes@gmail.com[1]
UNILAB CE/FUNCAP, Instituto de Humanidades, Docente, nataliacabanillas@unilab.edu.br[2]

ISSN: 2447-6161

INTRODUÇÃO

A região de Cacheú é habitada meritoriamente pela etnia mandjaku. Assim sendo, a região conta com aproximadamente 184.124 habitantes, o que corresponde a 12% da população do país, entre tanto, a região conta com 51,7%. Ainda conforme os dados de instituto nacional de estudos e pesquisa de Guiné-Bissau, INEP (2009), o grupo étnico mandjaku compõem a 8,3% da população do país. Portanto, dentro da etnia mandjaku existe subdivisão, o que explica que, embora todos sejam mandjaku, porém existem especificidades entre eles, por isso, em cada tabanca tem um nome diferente do outro.

Segundo Bernardo de Jesus (2019), os mandjaku são uma das etnias que já habitavam no território que hoje corresponde à Guiné-Bissau, muito antes da colonização Europeia. A República de Guiné-Bissau fica situada na costa oeste africana e faz fronteira com Senegal no Norte e com Guiné-Conacri no Sul. O país conta com mais de 20 etnias, balanta, mandjaku, fula, mancanhe, felupe, pepel entre outras, que estão distribuídos por oito região, Biombo, Bolama, Bafatá, Cacheú, Gabú, Oio, Quinará, Tombali, e a capital, um setor autônomo, Bissau.

Assim sendo, o presente trabalho estuda os significados e utilidades do pano marcado nas cerimônias e festividades, e como, através da sua produção, as produtoras constroem um status social de reconhecimento, uma fonte de renda e uma associação com as atividades espirituais da comunidade mandjaku. Levando em consideração que existe variação entre tabancas, o trabalho centralizou-se com as mulheres da tabanca de Caió. A pesquisa é do cunho qualitativa com analise bibliográficos, textos relacionados com tema de pesquisa e entrevistas com produtoras do pano marcado que foram conduzidas nas línguas crioulo e mandjaku.

METODOLOGIA

A pesquisa é descritiva e narrativa na base de oralidade, pois, o trabalho está ligado aos fenômenos culturais de caráter simbólico (Vansina, 2010; Hampaté Bâ, 2010), assim sendo, o enfoque do estudo foi nas análises das narrativas sobre o pano marcado a partir das entrevistas realizadas com mulheres da etnia mandjaku do setor de Caió, Guiné Bissau.

Assim, o trabalho é do cunho qualitativo, com base dos procedimentos sugeridos pela escritora Grada Kilomba na sua obra “memórias de plantação”, tratar as mulheres negras entrevistadas na pesquisa e na escrita como sujeitas, e não como objetos ou mesmo informantes. De acordo com a Grada Kilomba (20, p.30), “escrever é um ato de descolonização no qual quem escreve se opõe a posições coloniais tornando-se a/o escritora/escritor “validada/o” e “legitimada/o” e, ao reinventar a si mesma/o, nomeia uma realidade que fora nomeada erroneamente ou sequer fora nomeada”.

Trabalhar com mulheres produtoras do pano marcado e criando um espaço para que suas vozes sejam audíveis dentro da pesquisa, e em consequência, dentro do espaço académico, é um ato de descolonização, que não se limita apenas ao fato de eu pertencer à comunidade mandjaku. Segundo Oyéronké Oyewúmí (2004), pertencer não é suficiente. Para ter uma perspectiva endógena/ “desde dentro” precisa também de utilizar outros métodos e procedimentos coerentes com a descolonização do conhecimento. Por outro lado, objetiva-se descrever as características dos fenômenos (identidade cultural) e estabelecer relações entre materiais de estudo.

O presente trabalho delimitou-se na investigação de produção de pano marcado na etnia mandjaku de Caió e suas relações com o status das mulheres. Portanto, em geral entrei em contato com setes pessoas, porém quatros cederam entrevista com profundidade entre 2022 a 2024, através de redes sociais e de forma presencial na cidade de Fortaleza, com mulheres mandjaku originárias de Caio, que moram em Guiné-Bissau

ISSN: 2447-6161

e a diáspora Brasil. As entrevistas foram conduzidas nas línguas crioulo e mandjaku, dependendo da preferência da entrevistada. No entanto, no decorrer das transcrições e análises das entrevistas, pude perceber que meu conhecimento da língua mandjaku era apenas instrumental, consigo compreender e acompanhar a comunicação oral em mandjaku, sendo de extrema dificuldade a transliteração da linguagem falada para escrita e ainda mais sua tradução para o português. Sendo assim, se deu prioridade ao crioulo guineense, língua na qual sou fluente.

De salientar, que todas as interlocutoras são mulheres da minha família por parte de mãe, nascidas e criadas na tabanca de Caió, Guiné-Bissau. De salientar, que todas as interlocutoras são mulheres da minha família por parte de mãe, nascidas e criadas na tabanca de Caió, Guiné-Bissau.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os panos marcados carregam grande valor patrimonial no seio dos mandjaku e dos guineenses em geral. Entretanto é impossível falar da cultura mandjaku sem mencionar os panos marcados, sendo que, eles estão presentes nas grandes cerimônias religiosas, assim como nas grandes festividades da comunidade. Assim, conhecidos entre os mandjaku como kalendji marcara (pano marcado), é um traje tradicional da etnia mandjaku, produzidos unicamente por mulheres, usados por mulheres e homens para grandes ocasiões na comunidade assim como nos grandes eventos na capital. Para Tânia Jaló (2019, p.14), “de todos os panos dos mandjaku o mais importante para as mulheres é o pano marcado”. Um dos objetivos deste trabalho é explicar as múltiplas camadas de relevância de este tipo de textil.

Durante ritual de casamento que dura de dois a três dias, a noiva vai ser vestida com diferentes panos de pinti , na cintura e na cabeça como véu. De salientar, o noivo só vai usar o pano na cintura. Segundo produtora de pano, Martina Cumaia, explicou que a relevância do pano marcado principalmente o que leva bordado só por parte de baixo no casamento. “Nos rituais de casamento a noiva é vestida com diferentes tipos de panos na quais pano marcado que leva o bordado só por parte de baixo é indispensável” (MARTINA RODRIGUES CUMAIA, 2022). O pano marcado é indispensável nesse ritual não só para os noivos e principalmente para a noiva que usa durante cerimônias de casamento chamado de manda cabaz, assim como, para os familiares dos noivos, inclusivamente para mãe e tia da noiva, que tem por obrigação vestir a filha e sobrinha nos dias da cerimônia.

O pano marcado, além de carregar um valor cultural, ele também carrega em si valores social e econômico dentro da sociedade guineense. Antigamente os panos marcados era de uso exclusivamente dos mandjaku de Caió, Djeta, Pexice, Calequisse, porém, atualmente houve adesão das outras etnias guineenses no uso de pano marcado nas cerimônias religioso e nas festividades. Assim sendo, os panos marcados, ganhou uma notoriedade maior dentro do país e, deu mais a visibilidade para as produtoras do pano marcado. Para Múrida Gomes, estudante de direito na faculdade lusófona de Guiné e, produtora do pano marcado, contou como a procura das outras etnias pelo pano melhorou vidas das produtoras.

Atualmente o uso de pano marcado virou moda. As buscas por nós produtoras do pano marcado aumentaram-se por conta da adesão das outras etnias pelo pano e isso ajudou muito no crescimento da nossa economia e conseguimos ter os nossos próprios panos de curpo intido através dos restos das linhas que sobram de cada marca. Muitos de nós conseguem pagar estudos dos filhos e sustentar a casa com dinheiro que arrecadámos na produção do pano marcado. (Mùrida Gomes, 2023)

A Múrida explica que existem dois tipos de panos marcado, um que leva borado só por parte de baixo, que custa em média de 40 xof franco franceses que corresponde a 320.62 reais, que antigamente era de uso só para as pessoas mais velha da comunidade e atualmente não é mais assim. Enquanto o que leva bordado

ISSN: 2447-6161

inteiro que é chamado de curpo intindo (corpo inteiro), o seu valor varia entorno de 100 a 120.000xof que corresponde a 801,56 a 1.122,18 reais, e o seu uso antigamente era mais para as pessoas com mais status econômicos dentro da comunidade e não era obrigatório o uso nos grupos de colegasson como está sendo agora. Os panos não são encontrados à venda nos mercados e, é só comercializado diretamente entre produtora e quem solicita o trabalho, geralmente uma pessoa da família ou amiga da família ou mesmo vizinhança da produtora. O preço vai dependendo do grau de parentesco e da amizade com a produtora.

Portanto, o pano marcado exerce um papel econômico, porém também é um dos alicerces importantes na construção do papel social das mulheres mandjaku. As mulheres marcadoras de pano, acabam ganhando status social maior dentro da comunidade por conta da profissão, para isso, todos os interessados nos trabalhos delas devem ir aos encontros delas, porque o pano marcado, simboliza a riqueza para os mandjaku, e quanto mais tiver maior é sua riqueza, como argumentou Ericânia Almeida Gomes (2023).

...O panu marcado representa a identidade do povo Mandjaku, as bordas feitas nos panos além de contar as histórias do povo Mandjaku; ele também é artes das mulheres que muitas das vezes são vistas pela academia como incapazes, pelo fato de não possuírem um diploma académico, mas são detentoras de uma das artes mais valiosas dentro da cultura guineense. (2023, P.16).

Desta forma, todos os mandjaku de Caió na fase adulta, principalmente mulheres, devem ter pelo menos um pano marcado para frequentar eventuais rituais exemplo de toca-tchur , funeral, casamentos ou mesmo festas como mandjuandadi e dentre outras que acontecem dentro da comunidade. Para Celeste Gomes, produtora do pano marcado residente em fortaleza, Brasil, o trabalho de pano marcado enquadra dentro da tradição deixada por ancestrais e que deveria ter continuidade para gerações vindouras. "... crescemos vendo as nossas avós e mães a fazerem todos os trabalhos domésticos e marcando os panos e, nós na fase adulta ou casadas continuamos com essa tradição porque foi o que nos ensinaram".

CONCLUSÕES

Enfim, os panos marcados nos permitem pensar como a sua produção impactam na vida social das mulheres que os produzem dentro da comunidade Mandjaku. Por tanto, no processo da produção do pano marcado, as mulheres conseguem transmitir ensinamentos femininos, que são passadas de geração a geração, o que mostra a continuidade dos saberes ancestrais transmitidos pela oralidade. Com isso, elas, acabam ganhando um certo respeito na comunidade, pois os trabalhos delas, têm um reconhecimento social, cultural e religiosa, porém sem nenhum estudo acadêmico. Desta forma, os panos marcados nos permitem pensar como a indivisibilidade das mulheres na academia não tem a ver com a profissão escolhida mais pelo simples fato de serem mulheres numa sociedade que herdou dos colonizados os modelos para organização das sociedades que menosprezam a contribuição das mulheres nos espaços públicos.

AGRADECIMENTOS

Este projeto expressa seu agradecimento a Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico pelo financiamento da pesquisa intitulada Gêneros e Feminismos na África Global executada entre 01/2023-12/2024 por meio da Bolsa de Produtividade em Pesquisa, Estímulo à Interiorização e à Inovação Tecnológica-BPI, Edital 04/2022, coordenado pela prof. Dra. Natalia Cabanillas, professora do Instituto de Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira.

ISSN: 2447-6161

REFERÊNCIAS

BÂ, Hampaté. A tradição viva. Pp. 167-212. In: KI-ZERBO, Joseph. História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África. 2. Ed. Ver.– Brasília: UNESCO, 2010.

DE JESUS, Bernardo Gomes. Manjacos da Guiné-Bissau: sobre discursos, cultura, saberes e tradições no período colonial e pós-colonial. Monografia. Licenciatura em História–Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2018.

GOMES, Ericânia Almeida. A Construção Do Panu Marcado Pelas Mulheres Da Etnia Mandjaku De Caió, Guiné-Bissau: Usos E Significados, UNILAB, 2023.

IÉ, Jacque Mário Almeida. Usos e valor de panu-di-pinti nas cerimônias tradicionais de povo papel em biombo - (Guiné-Bissau), UNILAB, 2021.

INEP, Instituto Nacional Estatística e Pesquisa de Guiné-Bissau. Estatística de gênero. 2023.

JALO, Tania Correia. O ritual, cerimônia de Katchituran na cidade de Caio. 2019.

KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. Editora Cobogó, 2019.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas. Tradução para uso didático de: OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. Conceptualizing Gender: The Eurocentric Foundations of Feminist Concepts and the challenge of African Epistemologies. African Gender Scholarship: Concepts, Methodologies and Paradigms. CODESRIA Gender Series, v. 1, p. 1-8, 2004.

SEMEDO, Maria Odete da Costa Soares. As Mandjuandadi, cantigas de mulher na Guiné Bissau: da tradição oral à Literatura. Belo horizonte, 2010.

VANSINA, J. A tradição oral e sua metodologia. Pp. 139-166. In: KI-ZERBO, Joseph. História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África. 2. Ed. Ver. Brasília: UNESCO, 2010

ISSN: 2447-6161